

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ANDREW JUMPER

Ivan Carlos Luciano

**JESUS, UM INTERCESSOR COMPASSIVO E EFICAZ: COMO O AUTOR DE HEBREUS
SE VALEU DA INTERCESSÃO DE CRISTO NOS CÉUS PARA ENCORAJAR SEUS
LEITORES A PERSEVERAREM DIANTE DO SOFRIMENTO**

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Ivan Carlos Luciano

**JESUS, UM INTERCESSOR COMPASSIVO E EFICAZ: COMO O AUTOR DE HEBREUS
SE VALEU DA INTERCESSÃO DE CRISTO NOS CÉUS PARA ENCORAJAR SEUS
LEITORES A PERSEVERAREM DIANTE DO SOFRIMENTO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, *MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos
Orientador Professor Dr. Heber Carlos de Campos Jr

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da
Mackenzie

L937j Luciano, Ivan Carlos.
Jesus, um intercessor compassivo e eficaz: [recurso eletrônico]
como o autor de hebreus se valeu da intercessão de cristo nos
céus
para encorajar seus leitores a perseverarem diante do sofrimento /
Ivan Carlos Luciano.
92 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade
Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2022.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Heber Carlos de Campos jr.
Referências Bibliográficas: f. 37-39.

1. Hebreus. 2. Intercessão De Cristo. 3. Consolo. 4.
Encorajamento. I. Campos jr, Heber Carlos de, *orientador(a)*. II.
Título.

Ivan Carlos Luciano

**JESUS, UM INTERCESSOR COMPASSIVO E EFICAZ: COMO O AUTOR DE HEBREUS
SE VALEU DA INTERCESSÃO DE CRISTO NOS CÉUS PARA ENCORAJAR SEUS
LEITORES A PERSEVERAREM DIANTE DO SOFRIMENTO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-
graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito
parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*,
(*MDiv*) na área de Estudos Históricos-Teológicos
Orientador Professor Dr. Heber Carlos de Campos
Jr

Aprovação __09_ / __12__ / _22__

Orientador: Professor: Dr. Heber Carlos de Campos Jr

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Ivan Carlos Luciano**

Programa: MDiv

Título do Trabalho: **JESUS, UM INTERCESSOR COMPASSIVO E EFICAZ:
COMO O AUTOR DE HEBREUS SE VALEU DA INTERCESSÃO DE CRISTO
NOS CÉUS PARA ENCORAJAR SEUS LEITORES A PERSEVERAREM
DIANTE DO SOFRIMENTO**

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

Resumo: A presente monografia discorrerá sobre a Doutrina da Intercessão de Cristo como desenvolvida em Hebreus. O objetivo é demonstrar que o autor de Hebreus a usou intencionalmente de acordo com o seu propósito de encorajar seus leitores que estavam sofrendo devido à perseguição que suportavam. Para tanto, analisar-se-á o contexto histórico da carta, depois, os textos centrais que tratam da intercessão de Cristo (Hb.9.24; 7.25; 4.14-16) e, por fim, o encorajamento suscitado pela doutrina para os leitores e para a igreja contemporânea.

Palavras-Chave: Hebreus; Intercessão de Cristo; Consolo; Encorajamento

Abstract: This monograph will discuss the Doctrine of the Intercession of Christ as developed in Hebrews. The purpose is to demonstrate that the author of Hebrews used it intentionally according to his purpose of encouraging his readers who were suffering because of the persecution they endured. In order to do so, the historical context of the letter will be analyzed, then the central texts that deal with the intercession of Christ and, finally, the encouragement raised by the doctrine for readers and for the contemporary church.

Key-words: Hebrews; Intercession of Christ; Comfort; Encouragement

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1 CONTEXTO HISTÓRICO	9
1.1 DATA, LOCALIDADE DOS DESTINATÁRIOS E SITUAÇÃO	10
1.1.1 Autoria e data da escrita	10
1.1.2 Localidade dos destinatários	11
1.1.3 Situação dos destinatários	12
1.2 PROPÓSITO	15
1.2.1 Palavra de exortação	15
1.2.2 Encorajamento	16
2 A OBRA INTERCESSORA DE CRISTO	17
2.1 JESUS, O SUMO SACERDOTE PERFEITO	18
2.2 A INTERCESSÃO CONTÍNUA DE CRISTO	20
2.2.1 Intercessão: uso e definição	21
2.3.1 Salvação	23
2.3.2 Compaixão nas fraquezas	26
3 ENCORAJAMENTO PARA OS QUE SOFREM	29
3.1 A INTERCESSÃO E O PROPÓSITO DA CARTA	29
3.2 CONSOLO PARA OS CRENTES DE TODAS AS ÉPOCAS	31
3.2.1 Segurança da salvação	31
3.2.2 Socorro nas tentações	32
3.2.3 Socorro nas tribulações	33
3.2.4 Incentivo à oração	34
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A obra intercessora de Cristo é uma doutrina maravilhosa que traz grande consolo e encorajamento para os crentes que lutam contra tentações e sofrimento. Embora tenha sido alvo dos escritos dos puritanos como Thomas Goodwin, Antony Burgess, Stephen Charnock e John Bunyan, essa doutrina tem sido muito negligenciada em tempos recentes, de forma especial, em nosso país.

Como exemplo dessa negligência, o livro de Goodwin, *O coração de Cristo: O cuidado do Salvador no céu para com os pecadores na terra*, só foi traduzido para o português em 2020, sendo este, segundo os editores do volume em português, “a obra mais conhecida”¹ do autor, e, de acordo com nossa compreensão, um clássico sobre o tema. Outra obra sobre o tema que chegou recentemente até nós, em 2021, é a de John Bunyan, *Jesus Cristo Um Salvador Perfeito: A intercessão do Salvador e a quem ela beneficia*. Essa obra é sobre Hebreus 7.25. Ambas as obras foram escritas no séc XVII em um período muito fértil para a discussão da doutrina da obra intercessora de Cristo.

Recentemente, dois autores, influenciados pelos escritos puritanos, escreveram sobre esse tema. Mark Jones, na obra *Conhecimento de Cristo* (2017), escreve um capítulo sobre a intercessão de Cristo e Dane Ortlund, na obra *Manso e humilde* (2021), aborda o assunto de forma bem parecida com a de Thomas Goodwin.

A partir desse dado, é possível associar a negligência a essa doutrina com a ausência de material publicado em língua portuguesa no Brasil. Isso tem feito com que o povo de Deus perca uma grande fonte de consolo. Foi, então, em razão dessa carência que fomos motivados a escrever o presente trabalho.

A primeira justificativa, portanto, para a escrita do presente trabalho é a carência de material em língua portuguesa sobre o assunto. Nossa contribuição acadêmica será demonstrando, exegeticamente, que o autor de Hebreus considerava a doutrina da intercessão de Cristo importante para o encorajamento dos seus leitores originais.

A segunda justificativa decorre da primeira. É fundamental que mais pastores tenham acesso a esse material e entendam a importância dessa doutrina para a vida da igreja e não a vejam apenas como mais um tópico da Sistemática que não tem relação com o que a igreja experimenta. Assim, a

¹ GOODWIN, Thomas. **O coração de Cristo: O cuidado do Salvador no céu para com os pecadores na terra**. Recife: Os Puritanos, 2020, p.13

igreja de Cristo será encorajada pela certeza de que Cristo continua com seu coração na terra com seu povo, como diz Goodwin² e como ela é beneficiada por sua contínua intercessão.

Este trabalho se limitará a analisar a doutrina da intercessão de Cristo no livro de Hebreus – de forma mais específica, Hebreus 7.25 e 4.14-16. Outros textos bíblicos importantes para a exposição dessa doutrina – como 1 João 2.1, Romanos 8.34 e João 17 – não serão tratados. Também é importante ressaltar que será feita uma abordagem exegética da doutrina, e não histórica ou sistemática. Nosso objetivo é observar o que o autor de Hebreus afirma sobre a intercessão de Cristo e como ela contribui para o propósito do livro.

A razão de se pesquisar sobre a intercessão de Cristo em de Hebreus é que ele é o livro que apresenta com maior clareza e profundidade o ofício sacerdotal de Cristo. Isso não do ponto de vista de uma obra realizada somente no passado, mas como sendo uma obra que ele ainda realiza a favor dos seus, a intercessão, como Hebreus.7.25 deixa evidente. Somado a isso, existe o fato de entendermos que o propósito do livro de Hebreus era encorajar os leitores originais a perseverarem diante do sofrimento.

Dito isso, o objetivo geral desta monografia é compreender o lugar da intercessão de Cristo no propósito do autor de Hebreus e como a igreja contemporânea pode se beneficiar conscientemente dela. Desse objetivo decorrem outros, tais como: crescimento pessoal e ministerial, uma vez que o estudo dessa doutrina resultará em crescimento próprio bem como da igreja que pastoreio

A pergunta que procuraremos responder é: a doutrina da intercessão de Cristo contribui para o propósito do autor de Hebreus de encorajar seus leitores a perseverarem diante do sofrimento? A nossa hipótese é que, ao demonstrar que Jesus é um sumo sacerdote fiel e compassivo, que ele continua intercedendo pelo seu povo, o autor está intencionalmente se valendo dessa doutrina para encorajar seus leitores a perseverarem diante do sofrimento.

A fim de confirmar essa hipótese, desenvolveremos o presente trabalho como segue: 1. O contexto histórico da carta. Neste tópico, será demonstrado qual era a situação que os leitores originais estavam vivendo. Uma vez que isso tenha sido demonstrado, identificar qual era o propósito do autor de Hebreus ao se corresponder com eles.; 2. A obra intercessora de Cristo. Neste tópico, será observado como o autor aborda a Doutrina da Intercessão de Cristo. Duas passagens serão fundamentais para esse tópico: Hb.4.14-16; 7.23-25; 3. Encorajamento para os que sofrem. Neste

² GOODWIN, 2020, p.16

tópico, de acordo com o que foi demonstrado, consideraremos como os leitores originais foram encorajados e como a igreja contemporânea pode ser encorajada pela intercessão de Cristo.

Como observa Crowe, em seu artigo *Our Great High Priest*, não é muito comum para o cristão moderno pensar sobre a sua necessidade de um sacerdote. Mesmo que ele não pense, as Escrituras ensinam que, sem a presença do sumo sacerdote diante de Deus, ninguém pode se aproximar de Deus. É por essa razão que Hebreus é tão importante. Hebreus ensina quem é esse sumo sacerdote e porque ele é o sumo sacerdote³. Sobre a singularidade de Hebreus, Macleod afirma que não há outro livro no Novo Testamento que enfatiza explicitamente a obra sacerdotal de Cristo tanto na terra como no céu.⁴

Por causa dessa singularidade, vários estudiosos têm buscado compreender como o autor de Hebreus apresenta Jesus como o sumo sacerdote e as implicações de sua pessoa e obra para as mais diversas áreas da teologia. A citação de alguns artigos pode confirmar essa afirmação além de demonstrar no que a presente monografia se distingue deles, uma vez que ela é mais um estudo sobre o tema no livro de Hebreus.

O artigo de Crowe, *Our Great High Priest*, tem como objetivo demonstrar que Jesus é o sumo sacerdote que providência o perdão de nossos pecados e o acesso a Deus. Por isso, devemos confiar nele e não em qualquer outro sacerdote humano⁵

Macleod, no artigo. *Christ's High Priesthood and Christian Worship in Hebrews*, embora também trate da necessidade da obra de Cristo como sumo sacerdote, tem como foco as implicações da obra de Cristo no céu, a intercessão, para a adoração. Só é possível se chegar a Deus para adorar por meio da fé no mediador.⁶

De forma mais específica, tratando da intercessão de Cristo, três artigos trazem discussões muito interessantes sobre a relação da expiação com a intercessão. O primeiro, de autoria de Mbamalu, *Jesus the interceding High Priest: A fresh look at Hebrews 7:25*, observa que, Além do Salmo 110, do qual o autor de Hebreus aplica a Jesus o título de sumo sacerdote, a canção do Servo de Isaías 52.13-53-12 dá o contexto para o autor tratar da morte, da identificação e da intercessão do sumo sacerdote.⁷

³ CROWE, Brandon D. *Our Great High Priest*. **Credo Magazine**: Prophet, Priest and King. v.2, 2016, p.17 disponível em: <https://credomag.com/magazine_issue/prophet-priest-king/> acesso em 22 de nov. 2022,

⁴ MACLEOD, I. C. *Christ's High Priesthood and Christian Worship in Hebrews*. **Puritan Reformed Journal**, [s. l.], v. 8, n. 1, 2016, p.147. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAI9KZ19033000890&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵ CROWE, 2016, p.17

⁶ MACLEOD, 2016, p.164

⁷ MBAMALU, A. *Jesus the interceding high priest: a fresh look at Hebrews 7:25*. **Hervormde teologiese studies**, [s. l.], v. 71, n. 1, 2015.p.5 Disponível em:

Os próximos dois artigos que destacamos entendem que o ritual do dia da expiação, Yom Kippur, é central para o entendimento da oferta de Cristo em Hebreus. No entanto, divergem se a intercessão faz parte do ritual ou ela é distinta. O artigo de Moore, *Sacrifice, Session and Intercession: The End of Christ's Offering in Hebrews*, é uma crítica a um artigo de Moffitt, de 2019 cujo título é *It is Not Finished: Jesus' Perpetual Atoning Work as the Heavenly High Priest in Hebrews*. Para Moore, seguindo a analogia do Yom Kippur, quando Jesus se assentou é porque a oferta foi completamente terminada na cruz. A entrada de Jesus nos céus dá início à nova fase de ministério, não mais como parte da expiação. A intercessão de Jesus é separada de seu sacrifício, ela não remove pecados⁸, mas providencia socorro e perseverança.⁹

Moffitt responde a Moore no artigo *Jesus as Interceding High Priest and Sacrifice in Hebrews: A Response to Nicholas Moore*. Nesse artigo, Moffitt demonstra que a analogia do Yom Kippur se estende além da cruz, vai até o céu. Assim como o sumo sacerdote só deixava o Santo dos Santos e voltava para o povo depois de terminado a expiação, Jesus sairá do tabernáculo celestial para voltar fisicamente para o seu povo. Até isso acontecer, ainda que o sacrifício tenha sido uma única vez, a sua presença diante de Deus faz parte do seu ministério expiatório, incluindo, sua intercessão.¹⁰

A presente monografia tratará de temas comuns com os artigos citados, mas seu objetivo é compreender o lugar da intercessão de Cristo no propósito do autor de Hebreus e como a igreja contemporânea pode se beneficiar conscientemente dela.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

O objetivo deste tópico é revelar o que estava acontecendo com os destinatários da carta aos Hebreus, as relações políticas, sociais e religiosas¹¹. Após compreender o cenário, será investigado qual foi o propósito do autor da epístola.

<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLAn3819388&lang=pt-br&site=ehost-live>.

Acesso em: 22 nov. 2022

⁸ MOORE, N. J. Sacrifice, Session and Intercession: The End of Christ's Offering in Hebrews. **Journal for the Study of the New Testament**, [s. l.], v. 42, n. 4, 2020, p.522. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLAIe8N200608002718&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁹ MOORE, 2020, p.537

¹⁰ MOFFITT, D. M. Jesus as Interceding High Priest and Sacrifice in Hebrews: A Response to Nicholas Moore. **Journal for the Study of the New Testament**, [s. l.], v. 42, n. 4, 2020, p.542 Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLAIe8N200608002719&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022.

¹¹ Estamos usando o termo carta tendo a consciência de que também poderia ser visto como um sermão para ser lido cf. LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando a Carta aos Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016 posição 26 (The Pilgrim)

1.1 DATA, LOCALIDADE DOS DESTINATÁRIOS E SITUAÇÃO

Hebreus é uma das cartas mais difíceis para concluir quem é o autor, a data, os destinatários e o local de sua escrita. Há muitos debates e especulações sobre cada um desses tópicos. Ainda que entendamos a importância de tais debates, não vamos nos deter neles além do necessário para compreendermos o ambiente histórico. Para tanto, vamos nos valer das informações presentes na própria carta bem como, quando necessário, de informações externas.

1.1.1 Autoria e data da escrita

Sobre a autoria, por ser uma carta anônima, muitos nomes foram cogitados desde Paulo a Priscila e Aquila, mas nada conclusivo. Temos certeza de que as palavras atribuídas a Orígenes ainda continuam sendo as melhores para expressar nossa ignorância, “quem escreveu a epístola, só Deus sabe”¹².

Quanto à data, também não há nada muito específico na carta. Assim como a autoria, nada pode ser dito de forma conclusiva. Ellingworth observa que muitos estudiosos optaram por uma data anterior ao ano 70 não por terem certeza, mas por acharem que assim as probabilidades estavam mais equilibradas.¹³ Diante das propostas e objeções levantadas, entendemos que uma data anterior ao ano 70 seja mais coerente.

Vamos observar apenas três argumentos que nos levaram a essa decisão.

1) Os destinatários da carta, bem como o autor, são crentes de segunda geração¹⁴, como indicado em 2.3. Outro fator importante que corrobora é que, pelo que o autor diz, algum tempo já havia passado desde que a igreja fora fundada¹⁵. Em 5.12, ele diz que pelo tempo que já havia passado, os leitores poderiam ser mestres¹⁶. Em 10.32-34, ele os lembra de um tempo anterior, depois da conversão, em que passaram por lutas e sofrimentos. Parece-nos que isso seja uma indicação de uma data não tão recuada, talvez 50 ou 60¹⁷, não antes disso.

¹² CARSON, D.A. MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p.438

¹³ ELLINGWORTH, **Paul The Epistle to the Hebrews**: a commentary on the Greek text, New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, MI; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1993, p.33. (edição Logos)

¹⁴ CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p.441

¹⁵ ELLINGWORTH, 1993, p.30

¹⁶ O argumento permanece mesmo que não haja certeza se ele está falando à liderança ou à igreja toda.

¹⁷ CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p.441

2) Nenhuma menção da destruição do templo no ano 70. Esse é um argumento muito debatido. Talvez, a maior objeção contra ele seja o fato do autor não mencionar o templo, mas o tabernáculo¹⁸, então não teria razão de mencionar a sua destruição. Isso pode ser verdade, no entanto, também não passa de uma possibilidade. Por isso, concordamos com Lopes quando afirma que a destruição do templo e, com isso, a cessação dos rituais levíticos, “encaixar-se-ia com perfeição na argumentação do autor”¹⁹ de que tais rituais deveriam ser abandonados. Se isso estiver correto, a data tem que ser anterior ao ano 70, ano que ocorreu a destruição do templo.

3) Parece que a perseguição que tinham sofrido não havia sido mortal. Esse argumento pressupõe que a localidade dos destinatários era Roma. Em 12.4, o autor diz que eles não haviam resistido até o sangue. Se entendidas de forma literal, essas palavras indicam que nenhuma pessoa da igreja havia morrido por sua fé.²⁰ Isso pode demonstrar que a carta foi escrita antes da perseguição infligida por Nero que levou vários cristãos à morte²¹.

Ainda que esses argumentos não estejam livres de objeções, como nenhum outro está, entendemos que são os mais coerentes. Por isso, concluímos que a carta deve ter sido escrita no início da década de 60.

1.1.2 Localidade dos destinatários

Outra importante informação sobre o contexto histórico é qual a localidade dos destinatários. Assim como o autor não identifica quem é, também não identifica em que lugar os destinatários estavam, por isso, muitas hipóteses têm sido levantadas²².

O único lugar em que parece haver uma indicação da localidade é quando o autor está terminando sua carta. Em 13.24, ele diz: [...] “Os da Itália vos saúdam.” Essa saudação pode ser interpretada de duas formas: 1) aqueles que estão na Itália estão saudando os destinatários onde estiverem. Nesse caso, a localização dos destinatários continua incerta. 2) aqueles que estão fora da Itália, mas são da Itália, estão com o autor e enviando saudações para os que estão na Itália. Nesse caso, a localização dos destinatários seria algum lugar da Itália, provavelmente, Roma. Kistemaker

¹⁸ ibidem, p.443

¹⁹ LOPES, 2016, posição 17

²⁰ CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p.442

²¹ PHILLIPS, Richard D. **Estudos Bíblicos Expositivos em Hebreus**. São Pulo: Cultura Cristã, 2018, posição 26,27 (The Pilgrim)

²² CARSON, MOO, MORRIS dizem que várias cidades e regiões foram propostas, tais como Alexandria, Antioquia, Palestina dentre outras, mas a proposta quem tem sido mais razoável é Roma p.445.

observa que essa ambiguidade se dá por conta da preposição “da” (ἀπό) que pode significar tanto “em” como “de”²³. Para Ellingworth, a segunda opção é a forma mais natural de entender a saudação e complementa sugerindo que Roma seria o lugar mais provável por sua importância e por Clemente de Roma ter citado Hebreus²⁴.

Como no caso dos argumentos sobre a data da carta, esses, também não estão livres de objeções, mas Roma ou algum outro lugar da Itália parece ser a localidade mais razoável para os destinatários da carta.

Quanto ao contexto histórico, o que podemos dizer é que a carta foi escrita, aproximadamente, no início da década de 60 a.D para os crentes que estavam em Roma ou em algum lugar da Itália, Roma é o lugar mais provável.

1.1.3 Situação dos destinatários

A identidade dos destinatários não será analisada, pois, para os propósitos da presente monografia, não fará diferença se são judeus convertidos ou gentios convertidos ao cristianismo.

O que procuraremos identificar é o que estava acontecendo com os destinatários da carta. O que motivou a escrita da carta?

1.1.3.1 Perigo de apostasia

Por diversas vezes, o autor fez advertências para que os destinatários, pelo menos alguns deles, tivessem consciência do perigo que estavam correndo, caso abandonassem a fé em Cristo Jesus. Vejamos algumas dessas passagens.

Em 2.1-4, ele fala do perigo de negligenciar “tão grande salvação” que foi anunciada pelo Senhor Jesus. Ele pergunta: “como escaparemos?”; Em 3.12, ele alerta para o perigo de se ter um coração incrédulo que os “afaste do Deus vivo”; Em 6.6, trata da impossibilidade de renovar os que, uma vez iluminados, caíram; Em 10.38, afirma que aqueles que retrocedem caem no desagrado de Deus. Há muitas outras passagens com esse mesmo tom de advertência.

²³KISTEMAKER, Simon, **Hebreus** 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013 p.30 (edição Logos)

²⁴ ELLINGWORTH, 1993, p.30

Se apostatassem, para onde iriam ou voltariam? Pelo conteúdo da carta, a opção era o judaísmo. Isso tem levado alguns estudiosos a concluir que os destinatários era judeus cristãos, como indica Lopes.²⁵

É possível, no entanto, que a congregação fosse composta de judeus e gentios que tinham se convertido ao cristianismo. Como DeSilva observa, os gentios, uma vez que se convertiam, eram ensinados que eles também faziam parte do povo de Deus e eram herdeiros das promessas do Antigo Testamento (AT) assim como os judeus crentes, que também recebiam as palavras do AT como Palavra de Deus²⁶. Paulo ensinou essa mesma verdade em Efésios 2.11-22. Assim, o perigo de apostasia era tanto para judeus cristãos quanto para os gentios cristãos.

Se essa fosse a situação, o judaísmo seria uma opção tanto para os judeus como para os gentios. Os gentios não voltariam para o paganismo como antes, pois pensariam estar seguros no judaísmo²⁷. O autor, contudo, mostra que, negando a fé em Cristo, nenhum lugar seria seguro. Esse perigo, pelo que parece, não chegou a se concretizar, pelo menos, no período em que a carta foi escrita.

1.1.3.2 Ostracismo e perseguição

O autor não diz explicitamente o que estava acontecendo para que alguns dos destinatários pensassem em apostatar, mas, através de algumas informações do texto, é possível sugerir que o ostracismo e a perseguição presente ou o medo de uma futura fossem a causa.

O autor, que conhecia a história daquela igreja, diz que houve um tempo em que, depois que foram iluminados, aqueles crentes sofreram algum tipo de perseguição que é descrita como “grande luta e sofrimento” (10.32), ainda que, de acordo com a nossa interpretação de 12.4, sem mortes. Essa perseguição causou a confiscação de bens e até mesmo a prisão de alguns, bem como algum tipo de vergonha pública 10.33,34.

A oração “expostos como em espetáculo” é a tradução do verbo (θεατριζόμενοι) que, de acordo com o dicionário Strong, significa: “trazer ao palco; mostrar como um espetáculo, expor para desprezo”²⁸. O que o autor está dizendo é que eles haviam sofrido humilhação pública em decorrência

²⁵ LOPES, 2016, posição 29

²⁶ DeSILVA, David A. **Perseverance in gratitude: a socio-rhetorical commentary on the Epistle “to the Hebrews”** Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000, p.4. (Edição Logos)

²⁷ Para uma argumentação contrária cf. CARSON, MOO, MORRIS, 1993, p.446,447

²⁸ STRONG, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. (edição Logos)

de sua fé em Jesus Cristo. Se, como foi sugerido, eles estivessem em Roma, talvez tenham sido expostos na arena, no Coliseu, para que as pessoas zombassem deles.²⁹

DeSilva nos ajuda a entender o que geralmente acontecia com aqueles que, por conta da fé em Cristo, rompiam com as tradições do paganismo. Ele diz que algum tipo de idolatria ou culto religioso estava envolvido nas mais variadas associações políticas, comerciais e sociais. Por isso, os cristãos não se associavam. Participar desses atos de adoração simbolizava sua lealdade às autoridades, famílias e amigos. Isso fazia com que os cristãos fossem vistos com desconfiança e até mesmo traidores, por isso, tornou-se “tanto desonroso quanto perigoso ser associado ao nome de ‘cristão’.” (tradução nossa)³⁰

O autor ainda afirma que os cristãos judeus também sofriam por parte dos seus compatriotas e conclui: “O objetivo de todos os não cristãos era o mesmo – corrigir os erros perigosos e cruéis de seus ex-colegas por qualquer meio necessário” (tradução nossa)³¹. Foi isso que aconteceu depois que os destinatários foram iluminados.

Quanto tempo havia se passado até a escrita da carta não é possível dizer, nem se a situação continuava da mesma forma.

Kistemaker, que defende que a carta foi escrita na década de 80, portanto, depois da grande perseguição sobre o comando de Nero, é da opinião de que os leitores da carta estavam gozando de tempos de paz. Ele sugere que foi exatamente por isso que houve um relaxamento espiritual, pois, isso tende a acontecer mais em tempos de paz do que em tempos de aflição.³²

Mesmo que ele esteja certo com relação à data e que não havia perseguição por parte do império, isso não quer dizer que os leitores estivessem gozando tempos de paz. O ostracismo por parte de parentes, vizinhos e da sociedade em geral poderia ter continuado a acontecer. Os leitores poderiam estar com medo de esse estado se intensificar ou cansados de sofrer tais desprezos.³³

Mais uma vez, DeSilva contribui para uma maior elucidação do que estava acontecendo. Ele entende que a situação dos destinatários não havia mudado, mas sim, a disposição com a qual eles enfrentaram os “dias anteriores”, como descrito em 10.32-34. Isso não quer dizer que perseguições mais intensas tenham acontecido, mas que o fato de não conseguirem reassumir o status que tinham anteriormente diante da sociedade e as consequências das perdas que sofreram, e bem como a desonra

²⁹ LOPES, 2016, posição 798

³⁰ DeSILVA, 2000, p. 13,14

³¹ *ibidem.* p.12

³² KISTEMAKER, 2013, p.28

³³ CARSON, MOO, MORRIS, 1993, p.448

por parte da sociedade grande desgaste com o passar do tempo, casando desânimo. No começo, foram capazes de resistir, mas, depois de algum tempo, viver nessa situação se tornou difícil³⁴.

Carson, Moo e Morris corroboram com essa interpretação, quando apontam que dentre os vários possíveis motivos para uma apostasia havia o fato de estarem “cansados de passar vergonha por viverem à margem de sua herança cultural”³⁵. O texto que usam para fundamentar esse ponto de vista é 13.13.

A interpretação que, costumeiramente, se tem dado a essa passagem é que o autor está encorajando os leitores a se identificarem com Cristo em sua humilhação e vergonha. Da mesma forma que Cristo, em razão da santificação do povo (13.12), sofreu fora de Jerusalém, o povo é instado a suportar o sofrimento e a vergonha que a confissão de fé em Cristo eram infligidas a eles.³⁶ Dessa forma, é possível entender que eles eram humilhados por sua fé.

Se, de fato, essa era a situação, a volta para as antigas práticas seria um caminho para aliviar o sofrimento e ser aceito na comunidade da qual eles saíram quando foram iluminados.³⁷ De acordo com Lopes, a perseguição continuava e o sofrimento causado por ela era a “grande tentação” para que voltassem atrás³⁸.

O risco de apostasia era tão real quanto o sofrimento e a humilhação que sofriam. Foi para essa igreja, nessa situação, que o autor escreveu essa carta.

1.2 PROPÓSITO

Diante dessa situação, qual foi o propósito do autor ao escrever essa carta ou sermão para essa igreja?

1.2.1 Palavra de exortação

³⁴ DeSILVA, 2000, p.19

³⁵ CARSON, MOO, MORRIS, 1993, p.448

³⁶ Cf. KISTEMAKER, 2013, p.582; DeSILVA, 2000, p. 502-503; LOPES, 2016, posição 1166,1167; ELLINGWORTH, 1993, p.718.

³⁷ DeSILVA, 2000, p.19

³⁸ LOPES, 2016, posição 792. A religião judaica era aceita pelos romanos, mas o cristianismo não. Isso pode ter gerado o desejo de abandono do cristianismo por medo e volta para o judaísmo. CARSON, MOO, MORRIS, 1993, p.448.

Não há indicação clara de propósito no texto, o que, como os demais pontos tratados até aqui, tem levantado algum debate³⁹. Entendemos que o propósito do autor tem que ver com a situação histórica que foi tratada acima. Havia o perigo de apostasia, pelo menos por um grupo de pessoas, devido à situação de perseguição que os destinatários ainda estavam enfrentando.

Ainda que não haja nenhuma declaração de propósito, é possível, a partir do que o autor mesmo disse acerca do que escreveu, delinear parte de um.

Nas considerações finais, por exemplo, ele pede que os leitores suportem a palavra de exortação que ele escreveu (13.22). O substantivo (παρακλησις) pode ser traduzido como exortação, encorajamento, apelo, pedido, conforto e consolo⁴⁰. De acordo com o contexto, a melhor tradução é exortação mesmo, pois o autor pede que os leitores suportem essa palavra, pois ela foi uma palavra dura, ainda que amorosa, para que não abandonassem a fé.

Somado a isso, de acordo com Lopes, “palavra de exortação” era um termo técnico para se “referir a uma pregação, homilia, palestra, que tem como objetivo persuadir as pessoas e convencê-las daquilo a que se propõe”⁴¹, que no caso seria a apostasia. Parte do objetivo do autor, portanto, era persuadir os destinatários da carta a não se apostatarem da fé em Jesus Cristo, advertindo-os acerca das sérias consequências dessa escolha, como nos seguintes textos: 2.1-4; 3.12-19; 4.11; 6.4-8; 10.26-31.

Esses textos, no entanto, têm como fundamento o ensino doutrinário acerca da superioridade de Jesus sobre a forma de administração da Antiga Aliança. Ellingworth observa que o autor entrelaçou ensino doutrinário e exortação de maneira que aquele tem como objetivo ser a base deste.⁴²

1.2.2 Encorajamento

Outra parte do objetivo do autor é encorajar os leitores para que suportassem os sofrimentos que estavam passando, como observado acima. Se a apostasia poderia trazer alívio para o sofrimento, a humilhação e a vergonha, a perseverança na fé em Cristo poderia fazer com que essa situação continuasse com a possibilidade de ser intensificada.

³⁹ Para uma análise das hipóteses de propósito cf. ALLEN, David, L. **Hebrews**. Nashville, TN: B & H Publishing Group, 2010, p. 79-82 (edição Logos)

⁴⁰ BRAUMANN, G. Exortar in: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p.768

⁴¹ LOPES, 2016, posição 65,66

⁴² Ele cita uma relação que Maxwell faz entre os textos doutrinários e os textos de exortação o que facilita a visualização do relacionamento entre eles. Cf. ELLINGWORTH, 1997, p.58. Lopes faz algo parecido, mas em um quadro. LOPES, 2016, posição 53-54

Lopes observa que, por causa dessa situação, os leitores precisavam de “encorajamento e esperança” para perseverarem, pois o preço era alto e a pergunta se valia a pena continuarem era constante.⁴³

Uma das formas do autor encorajá-los era demonstrando que a fé em Cristo não era um engano. Não havia a possibilidade de estarem errados, de terem sido enganados quanto à salvação, o perdão, o acesso a Deus e o descanso eterno e, no final, perderem tudo isso.

Como demonstrado acima, a apostasia seria a escolha pelo engano, portanto o caminho da perdição. Então, a fé em Cristo é para a conservação da alma (10.39). A resposta para a pergunta se valia a pena é que sim, pois o preço pago por abandonar Cristo é muito maior do que o que eles pagavam e o que teriam, sendo fiéis, era muito mais compensador do que o que receberiam da sociedade e do Império.

DeSilva descreve essa situação da seguinte forma: “A recusa em sentir ‘vergonha’ perante a sociedade e o firme apego à certeza das promessas de Deus levarão os crentes a alcançar maior honra do que jamais poderiam desfrutar nas mãos da sociedade (tradução nossa)⁴⁴.”

Outra forma de encorajar seus leitores era demonstrando que eles não estavam sozinhos em suas lutas, provações e tentações. Jesus, embora no céu e por estar no céu, era poderoso para os ajudar em suas lutas intercedendo junto a Deus por eles (2.18; 4.14-16).

O socorro do Senhor Jesus não viria apenas com o auxílio nas provações e tentações, também viria na plena e eterna salvação, lidando com o pecado de uma vez por todas e dando o acesso a Deus para sempre (7.25; 10.19-22).

O propósito do autor, portanto, era persuadir seus leitores a não abandonarem a confissão em Cristo, pois isso traria consequências eternas muito sérias e encorajá-los a perseverarem firmes diante das perseguições que estavam sofrendo por causa da fé.

2 A OBRA INTERCESSORA DE CRISTO

Neste tópico, veremos como o autor, com o propósito de encorajar os leitores, descreve Jesus como o sumo sacerdote que continua intercedendo pelo seu povo.

⁴³ LOPES, 2016, posição 249.

⁴⁴ DeSILVA, 2000, p.20

2.1 JESUS, O SUMO SACERDOTE PERFEITO

De todo o Novo Testamento, Hebreus é a carta que mais descreve detalhadamente o ofício sacerdotal de Cristo⁴⁵. Para Ladd, o tema central de Hebreus é Jesus como sumo sacerdote⁴⁶. Um sumo sacerdote superior a todo sistema sacerdotal levítico.

Já, no início da carta, quando o autor afirma que Jesus é um sumo sacerdote misericordioso e fiel (2.17). Depois, continua afirmando que Jesus penetrou o véu (4.14); que se compadece das nossas fraquezas (4.15). No capítulo 5, demonstra a razão pela qual Jesus é o sumo sacerdote. Jesus não tomou para si essa glória, assim como Arão também não o tinha feito (5.5). Citando o Salmo 110, diz que Jesus foi nomeado sacerdote para sempre de acordo com a ordem de Melquisedeque pelo próprio Deus (5.6,10). Esse tema será retomado, ampliado e aplicado nos cap.7-10.

O objetivo do autor é explicar para seus leitores que Jesus, embora não seja da tribo de Levi (8.4), tem autoridade vinda do próprio Deus para ser o sumo sacerdote. Ele vai além e afirma que o sacerdócio de Cristo é superior ao sacerdócio levítico, em razão da perfeição de sua pessoa (7.26-28) e de sua obra (8-10).

Jesus, como sumo sacerdote, entrou no santuário celestial para ministrar ali (8.2) e “assentou-se à destra do trono da Majestade nos céus” (8.1). Comentando Hebreus 8.1, Phillips observa que o fato de Jesus ter-se assentado aponta para a superioridade e perfeição de sua obra com relação aos sacerdotes levíticos. No tabernáculo, não havia assentos, significando que os sacrifícios deveriam ser constantes, porque não tinham poder para perdoar definitivamente os pecados. Esses sacrifícios apontavam para a pessoa e obra de Cristo. Após oferecer sacrifício, por outro lado, Cristo assentou-se, porque sua obra foi finalizada. O sacrifício que ofereceu foi perfeito e suficiente.⁴⁷ O mesmo pode ser visto em 10.11,12.

Para o autor de Hebreus, portanto, não há mais necessidade de que haja sacerdotes oferecendo sacrifícios, nem mesmo a necessidade de o sumo sacerdote comparecer no Santo dos Santos no dia da expiação, uma vez que Jesus ofereceu o sacrifício perfeito, do qual todo sistema sacrificial e sacerdotal eram sombras (10.11-18).

Sendo assim, caso os leitores apostatassem da fé em Cristo, não haveria mais para onde voltar, pois as velhas práticas não tinham mais valor algum, pois já haviam cumprido o objetivo determinado por Deus. Por outro lado, como observa Phillips, deve ter sido consolador e encorajador para os

⁴⁵PHILLIPS, 2018, Posição 10

⁴⁶ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Hagnos: 2001. p..535

⁴⁷ PHILLIPS, 2018, posição797

leitores saberem que eles tinham um sacerdote perfeito e permanente, ainda que tenham deixado os ritos levíticos e confiado em Cristo⁴⁸ e, por isso, sofrido afrontas e insultos por parte daqueles que outrora estiveram juntos participando dos mesmos rituais.

Como o autor afirma, Jesus se ofereceu uma única vez e se assentou à destra de Deus, não precisando repetir o sacrifício, mas isso não quer dizer que tenha deixado de ser o sumo sacerdote do seu povo.

O sumo sacerdote era um mediador. Ele representava o homem diante de Deus. Bevan ensina que ele se aproximava de Deus em favor do homem⁴⁹. Sua função, nas palavras de Hodge, era “oferecer sacrifícios expiatórios pelo pecado e interceder pelos ofensores”⁵⁰.

As suas próprias roupas tinham relação com seu ofício. Em Êxodo 28, Deus diz a Moisés como deveriam ser as roupas do sumo sacerdote. Dentre suas vestimentas, havia duas pedras preciosas nas quais eram gravados os nomes das tribos de Israel. Essas pedras eram colocadas nas ombreiras da estola sacerdotal. Deus diz que Arão levaria os nomes das tribos em seus ombros e isso seria para memória diante do Senhor (28.7-12) Toda vez que o sumo sacerdote oferecia os sacrifícios ele o fazia carregando o povo sobre seus ombros, representando o povo diante de Deus⁵¹.

Outra parte da roupa que também representava sua mediação era o peitoral (28.29). Nesse peitoral, havia 12 pedras preciosas nas quais eram gravados os nomes das 12 tribos de Israel. O peitoral era ligado por argolas à estola sacerdotal (28.15-28). Deus também diz o que isso significava, o povo seria levado sobre o coração do sacerdote sempre que ele entrasse no santuário, também para memória diante do Senhor.

Ryken, comentando esse texto, afirma que essa atitude do sumo sacerdote colocava as 12 tribos de Israel sempre diante de Deus, para que o Senhor sempre se lembrasse do seu povo. Ele também entende que era um memorial para o sumo sacerdote, pois ele era lembrado de que sempre carregava o povo sobre seu coração, suas afeições amarravam o povo em seu coração.⁵²

Essa compreensão de representatividade do sumo sacerdote é importante para se ter maior entendimento sobre a obra que Jesus realizou como representante do seu povo diante de Deus, de forma especial, sua intercessão.

⁴⁸ PHILLIPS, 2018, posição 805

⁴⁹ BEVAN, LI. D. Intercession of Christ in, James Orr et al.(ed), **The International Standard Bible Encyclopaedia**. Chicago: The Howard-Severance Company, 1915, p.1488. (edição Logos)

⁵⁰ HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001 (reimpressão) p.830

⁵¹ RYKEN, Philip Graham; **Exodus: saved for God's Glory**. Wheaton, IL: Crossway Books, 2005, p.873. (edição Logos)

⁵² RYKEN, 2005, p.881.

Retornando a Hebreus, o autor diz que Jesus compareceu diante de Deus por nós. Não no tabernáculo terreno no qual os sacerdotes serviam, mas no céu (9.24). Esse verso é muito significativo para o que temos afirmado, pois demonstra claramente que Jesus, assim como o sumo sacerdote fazia anualmente no dia da expiação, entrou na presença de Deus representando o seu povo. O propósito do autor é contrastar o que o sumo sacerdote fazia no tabernáculo terreno com o que Jesus fez na presença de Deus, demonstrando a superioridade de Cristo e de sua obra.

Uma análise mais detalhada do verso será muito esclarecedora.

“Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus”. (Hb.9.24)

O verbo entrar εἰσῆλθεν é um aoristo que, nesse caso, indica uma ação passada e completa, cuja ênfase, de acordo com Ellingworth, é “de uma vez por todas” (tradução nossa)⁵³, não precisando ser repetido. Jesus entrou na presença de Deus em sua ascensão.

Com qual propósito Jesus entrou na presença de Deus? O autor responde. O verbo comparecer ἐμφανισθῆναι está no modo infinitivo indicando propósito⁵⁴, por isso, a ARA, ao traduzi-lo, adicionou a preposição de finalidade “para”.

Ainda respondendo à pergunta, o uso da preposição por ὑπὲρ é muito importante. Seu significado básico é sobre, mas pode ter outros significados. O seu uso acompanhado do caso genitivo, pronome nosso, ἡμῶν tem o significado de representação, benefício ou de substituição⁵⁵.

Uma tradução mais livre poderia ser a seguinte: “Jesus entrou na presença de Deus com o propósito de nos representar, ou com o propósito de nos beneficiar.”⁵⁶

Diferentemente do que era feito pelo sumo sacerdote no dia da expiação, depois de fazer a expiação pelo sangue, ele saía do Santo dos Santos, Jesus, após seu sacrifício, entrou com seu sangue diante da presença do Senhor e continuará ali até o seu retorno. Qual é a sua atividade ali? Ele intercede.

2.2 A INTERCESSÃO CONTÍNUA DE CRISTO

Como demonstrado até aqui, o autor quer que seus leitores continuem com a confissão que um dia eles fizeram. Para cumprir seu propósito, ele os encoraja demonstrando que, com a vinda de

⁵³ ELLINGWORTH, 1993, p.479

⁵⁴ ibidem p.480

⁵⁵ COENEN; BROWN, 2000, p.1773,1774

⁵⁶ A NVI traz em nosso favor;

Jesus, todo o sistema sacrificial e sacerdotal terminou. Eram apenas sombras da realidade que é Cristo.

Por toda a carta, ele demonstrou como Cristo é superior a toda a antiga dispensação, inclusive ao sumo sacerdote. Jesus é um sumo sacerdote perfeito, seu sacrifício é o que perdoa pecados e sua intercessão é contínua.

2.2.1 Intercessão: uso e definição

O autor não utiliza a palavra intercessão com frequência, na verdade, ele a usa uma única vez⁵⁷ em 7.25: “Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” Isso poderia indicar que a obra intercessora de Cristo não é importante para o autor, pois se o fosse, teria tratado mais do assunto. É verdade que ele trata mais da morte de Jesus como o sacrifício perfeito, mas isso não quer dizer que a intercessão de Cristo não seja importante como será observado.

No versículo 23, o autor trata de como havia vários sacerdotes. A razão para isso era que a morte os impedia de continuar exercendo o ofício. Ainda que o sacerdócio levítico continuasse, o sacerdote, não, e precisava ser substituído. No verso 24, ele faz o contraste com o sacerdócio de Cristo o qual é permanente porque Jesus não morre, ele não é impedido de continuar. Esse sentido ficou claro na tradução da Nova Tradução na Linguagem de Hoje “Mas Jesus vive para sempre, e o seu sacerdócio não passa para ninguém”.

No verso 25, o autor concluiu seu argumento. Uma vez que Jesus vive para sempre e seu sacerdócio é permanente a sua intercessão também é contínua, pois não há como Jesus continuar vivo na presença de Deus e não interceder por seu povo. Por isso, Jesus é apto, capaz, para salvar plenamente e para sempre, pois vive para interceder pelo seu povo.

Uma análise mais detalhada desse verso nos ajudará a entender a importância da intercessão para o autor.

ὁθεν καὶ σώζειν εἰς τὸ παντελὲς δύναται τοὺς προσερχομένους δι’ αὐτοῦ τῷ θεῷ, πάντοτε ζῶν εἰς τὸ ἐντυγχάνειν ὑπὲρ αὐτῶν.

⁵⁷ Com relação à intercessão de Cristo, ela só vai aparecer mais uma única vez em Romanos.8.34 “Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós.”

Há cinco verbos na oração. Dois deles são participípios προσερχομένουσ aproximam-se, chegar-se e ζῶν viver; dois infinitivos σώζειν salvar e ἐντυγχάνειν interceder; o outro é indicativo δύναται capaz, apto, sendo ele o verbo principal. Dessa forma, ele está regendo a oração.

O participió ζῶν viver é causal⁵⁸ indicando a causa do verbo principal. Por que Jesus é apto ou capaz para salvar? Porque ele vive para sempre. O uso da preposição εἰς e o infinitivo ἐντυγχάνειν, interceder, indica propósito, segundo Rienecker e Rogers⁵⁹, demonstrando, assim, que Jesus vive sempre com o propósito de interceder por aqueles que se achegam a Deus por meio dele.

Para o autor de Hebreus, portanto, a salvação plena e para sempre vem do fato de que Jesus vive sempre com o propósito de interceder em favor do seu povo. Dito de outra maneira, se Jesus não vivesse para sempre intercedendo pelos seus, ele não seria capaz de salvar, como o sumo sacerdote levítico também não era.

Uma vez que foi demonstrada a importância da intercessão de Cristo, faz-se necessário definir o que significa interceder. A palavra ἐντυγχάνειν significa interceder, apelar, dirigir-se à alguém⁶⁰, não com interesse próprio, mas em favor de outro. Ortlund define da seguinte forma: “[...] um terceiro se coloca entre duas partes e argumenta em prol de uma na presença da outra.”⁶¹

Diante dessa definição, pode-se entender a intercessão de Cristo como sendo sua presença constante diante do Pai em benefício do seu povo⁶². Assim como o sumo sacerdote carregava o nome das tribos nos ombros e no peito, Jesus o faz com o seu povo. Constantemente, o nome dos crentes está diante do Senhor, de modo que, nenhum deles jamais é esquecido. Ele faz isso não apenas por conta da obrigação do seu ofício, faz também por amor, como observado por Ryken: “Nossos nomes estão gravados, por assim dizer, nas pedras preciosas que cobrem seu peitoral. Ele nos ligou a si mesmo com as cordas de seu amor eterno, tornando-nos seguros para sempre em um lugar próximo ao seu coração.” (tradução nossa)⁶³

⁵⁸ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.511

⁵⁹ RIENECKER; ROGERS, 1995, p.511.

⁶⁰ SPICQ, Ceslas; ERNEST, James D. Ernest, **Theological lexicon of the New Testament** Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1994 (edição Logos)

⁶¹ ORTLUND, Dane. **Manso e humilde: o coração de Cristo para quem peca e para quem sofre**. São Paulo, The Pilgrim, 2021, posição136 (The Pilgrim)

⁶² Entendemos que a intercessão de Cristo é apenas em favor daqueles por quem ele morreu, ou seja, por aqueles que lhe foram dados pelo Pai. Há uma discussão muito interessante sobre o ofício sacerdotal de Cristo e a expiação limitada em que o autor argumenta que Jesus intercede unicamente por quem ele morreu cf. WELLUM, Stephen J. A Nova Aliança obra de Cristo: Sacerdócio, Expição e Intercessão in: GIBSON, Jonathan (ed); GIBSON, David. (ed) **Do céu Cristo veio buscá-la: a expiação definida na perspectiva histórica, bíblica, teológica e pastoral**. São José dos Campos: Fiel, 2017. (Kindle)

⁶³ RYKEN, 2005, p. 882.

2.3 BENEFÍCIOS DA INTERCESSÃO DE CRISTO

A intercessão de Cristo é a causa de todos os benefícios que o cristão recebe da parte de Deus. Como observado por Murray, Cristo pleiteia “com base no que ele realizou, o cumprimento de todas as promessas, a concessão de todos os benefícios e revestimento com todas as graças asseguradas e ratificadas por sua própria oferta sacerdotal” (tradução nossa)⁶⁴

É grande conforto e consolo para o cristão saber que Cristo está diante do Pai intercedendo para que suas necessidades sejam supridas, principalmente, aqueles, como os hebreus, que estavam passando por tempos difíceis de perseguição.

Nosso objetivo é observar esses benefícios à luz do ensino de Hebreus.

2.3.1 Salvação

Como foi dito, o principal texto sobre intercessão em Hebreus é o 7.25. O que torna esse texto importante para a doutrina da intercessão de Cristo? A resposta é que o autor afirma que a salvação acontece por causa da intercessão contínua de Cristo.

Isso faz com que uma pergunta surja: qual a relação da morte expiatória de Cristo e de sua intercessão?

O autor de Hebreus afirma, em diversos lugares, que a morte de Cristo, seu sangue derramado, é eficaz para perdoar pecados (13.2), para purificação (9.14), para redenção eterna (9.12). Se o sangue de Cristo é eficaz, qual a razão da intercessão?

Antes de prosseguir, é importante que não vejamos a intercessão como um complemento à expiação e nem como se ela estivesse desvinculada da expiação, é melhor entendermos a intercessão de Cristo como a aplicação do que foi conquistado pela expiação.⁶⁵

Aqui, embora a linguagem se pareça com a usada por Moffitt, divergimos dele bem como de Moore. Para Moffitt, a intercessão faz parte da obra expiatória de Cristo, não distinguindo assim a

⁶⁴ MURRAY, John. The Heavenly Priestly Activity of Christ. **RPM**, v.11, n.4. 2009. Disponível em: <https://thirdmill.org/magazine/article.asp/link/joh_murray%5Ejoh_murray.priestly.activity.html/at/The%20Heavenly%20Priestly%20Activity%20of%20Christ> Acesso em: 23 de abril 2022.

⁶⁵ Ortlund, num excelente artigo, analisa a proposta feita por Charnock sobre a relação da expiação e da intercessão de Cristo. Nesse artigo, ele observa que alguns estudiosos têm separado a expiação da intercessão, ele vê a proposta de Charnock como a melhor forma de ver esse relacionamento. ORTLUND, G. “The voice of his blood”: Christ’s intercession in the thought of Stephen Charnock. **Themelios**, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 375–389, 2013. Disponível em: .aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001989804&lang=pt-br&site=ehost-live. Acesso em: 14 jun. 2021.

expição da intercessão.⁶⁶ No caso de Moore, é o contrário, ele separa as duas, de modo que a intercessão não diz respeito ao perdão dos pecados⁶⁷. Como demonstraremos, há um caminho melhor.

Ortlund, no seu artigo sobre a intercessão de Cristo no pensamento de Charnock, é bem útil para esclarecer como isso se dá. Ele observa que, para Charnock, a expiação é a causa meritória da salvação (justificação, adoção, purificação etc.) e a intercessão é a aplicação dessas mesmas realidades⁶⁸. Ele continua “Toda boa bênção que recebemos de Deus foi comprada para nós na cruz, mas nós recebemos essas bênçãos a cada momento como resultado direto da intercessão de Cristo” (tradução nossa)⁶⁹. Charnock entende que os méritos e a eficácia da intercessão de Cristo estão na expiação, “ele fala pelo seu sangue e seu sangue fala pelos seus méritos” (tradução nossa)⁷⁰

No dia da expiação, o sumo sacerdote entrava com o sangue do animal no Santos dos Santos e apresentava o sangue diante de Deus. O Senhor Jesus, o sumo sacerdote perfeito, entra na presença de Deus com seu próprio sangue e o apresenta em favor dos seus. Por isso, Charnock diz que o sangue de Cristo fala. Sua presença diante do Pai já é sua intercessão. Sobre isso, Berkhof afirma que a presença de Cristo diante de Deus “é uma lembrança da perfeita expiação de Jesus Cristo”⁷¹

Dessa forma, para o autor de Hebreus, não há contradição em afirmar que, pelo seu sangue, Jesus obteve eterna redenção (9.12) e que por sua intercessão contínua, salvação plena (7.25). É o mesmo sacerdote que se oferece e que intercede em favor do seu povo.

Como sumo sacerdote, Jesus é apto para salvar completamente os que se achegam a Deus por meio dele. O autor de Hebreus está preocupado com a salvação dos seus leitores, isso é fato. Para ele, refletindo todo o ensino bíblico, a salvação depende do Senhor Jesus. Sem Jesus, não há salvação. Se os leitores negassem a Jesus, não haveria salvação alguma.

Ao falar sobre salvação, parece ter em vista a salvação escatológica, ou seja, a que vai se revelar com a vinda de Cristo (1.14; 9.28) e a salvação presente, como o perdão de pecados e o acesso a Deus que os crentes já desfrutavam (10.22). Sendo aquela a plenitude desta.

⁶⁶ MOFFITT, 2020, p.542

⁶⁷ MORRE, 2020, 537

⁶⁸ ORTLUND, 2013, p.381

⁶⁹ ibidem

⁷⁰ CHARNOCK, Stephen. A discourse of Christ’s Intercession in: **The complete works of Stephen Charnock** Disponível em:

<<http://www.digitalpuritan.net/Digital%20Puritan%20Resources/Charnock%2C%20Stephen/Works%20%28vol.5%29%20Ind%20Titles/%5BSC%5D%20Christ%27s%20Intercession.pdf>> Acesso em: 14 set de 2022. p.113.

⁷¹ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.p.371

Owen observa que ainda que a palavra possa ser usada para se referir a qualquer mal, seu sentido é de libertação do pecado, de todas as misérias que o acompanham e ainda da ira futura. Por outro lado, há também o aspecto positivo que diz respeito ao favor de Deus no presente e no futuro⁷²

Há algum debate sobre como deve ser entendida a frase εἰς τὸ παντελῆς. Há pelo menos duas possibilidades: 1) qualitativamente – salvar completa ou plenamente; 2) temporalmente – salvar definitivamente ou para sempre.

Levando em consideração o contexto imediato, no qual o autor está tratando de como Jesus é um sumo sacerdote que vive para sempre, Ellingworth compreende que a melhor opção seja interpretar como sendo temporalmente, ou seja, salvar para sempre⁷³.

Allen, por sua vez, entende que a melhor opção é a combinação de ambas, ou seja, a salvação que Jesus traz é tanto completa como para sempre⁷⁴. Essa opção considera todo o contexto da carta, pois o autor tem afirmado que o perdão de pecados é perfeito, ou seja, completo e, por isso, o acesso a Deus também o é.

Owen também considera ambas. Quanto o primeiro sentido, ele observa que Jesus não faz uma obra pela metade, deixando com que os crentes a conclua. Ele salva completamente, não resta mais nada para fazer. Quanto ao segundo, essa salvação é para sempre, sendo que nada pode impedir sua realização. E conclui:

Quaisquer que sejam os obstáculos e dificuldades no caminho da salvação dos crentes, quaisquer que sejam as oposições que se levantem contra ela, o Senhor Cristo é capaz, em virtude de seu ofício sacerdotal, e no exercício dele, de realizar a obra por todos eles para a perfeição eterna. (tradução nossa)⁷⁵

Tendo em vista o contexto imediato, parece que a melhor opção seria salvar para sempre. Todavia, considerando o contexto de toda a carta, não há razão para não manter ambas em vista.

Em seu livro *Jesus um Salvador Perfeito*, Bunyan dá um exemplo dessa salvação completa e permanente. Nas referências que faz sobre as fases de sua vida, começando antes do nascimento e até o momento de sua morte, podemos observar a salvação completa, assim declara: “Assim, como ele começou a me salvar antes de eu existir, ele continuará a me salvar quando eu morrer e partir deste

⁷² OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em: <<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html>> acesso em: 14 set 2022.

⁷³ ELLINGWORTH, 1993, p.391.

⁷⁴ ALLEN, 2010, p.429.

⁷⁵ OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em: <<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html>> acesso em: 14 set 2022

mundo [...]”. No restante de sua declaração, observamos o que significa salvar para sempre “[...] e nunca deixará de me salvar até que me coloque diante de sua face para sempre”⁷⁶.

O autor de Hebreus, portanto, quer que seus leitores tenham plena segurança de que aqueles que creem em Cristo já estão salvos e permanecerão assim para sempre, porque Jesus vive intercedendo por eles. Não resta nada para ser feito. Em outras palavras, não há mais necessidade de se oferecer sacrifícios pelos pecados, pois Jesus já os perdoou. Não há mais necessidade de um sacerdote terreno que faça a mediação entre eles e Deus, pois Jesus, o sumo sacerdote, por meio de seu sacrifício e de sua intercessão, já abriu o caminho para o acesso a Deus (10.19-22).

Por outro lado, voltar para o sistema sacerdotal e sacrificial levítico, negando assim o que Cristo é, fez e continua fazendo, é desprezar a salvação preparada pelo Senhor. É se apegar ao que não tem valor algum, é manter a sombra e desprezar a realidade.

Aqueles cristãos que estavam sendo hostilizados, desprezados e ridicularizados pela sua fé em Cristo, não precisavam temer estarem errados e, no final, descobrirem que estariam perdidos, pelo contrário, haveria grande recompensa, pois entrariam no descanso eterno (4.1-11).

2.3.2 Compaixão nas fraquezas

A intercessão de Jesus não diz respeito apenas à salvação, ele também se compadece das nossas fraquezas. Ele é nosso sumo sacerdote compassivo.

Por vezes, nos evangelhos, Jesus demonstra sua compaixão pelas pessoas. Será que, agora, no entanto, quando está assentado à destra do trono da majestade, essa compaixão continua? Será que ele se importa com os seus que continuam na terra? Será que Jesus se importava com os hebreus que estavam passando por tempos difíceis, sendo perseguidos e sofrendo todo tipo de humilhação?

Essas perguntas levaram o puritano Thomas Goodwin a escrever seu livro *O coração de Cristo: o cuidado do Salvador no céu para com os pecadores na terra*.⁷⁷ Esse livro, escrito no séc. XVII, tornou-se um dos mais importantes sobre o tema da intercessão de Cristo.

Goodwin relata que havia algumas pessoas que ficavam com dúvidas sobre qual seria a disposição de Jesus para com aqueles que estão na terra, uma vez que ele está exaltado. Diante disso,

⁷⁶ BUNYAN, John. **Jesus Cristo um Salvador Perfeito**: A intercessão do Salvador e a quem ela beneficia. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2021, posição 1972 (Kindle).

⁷⁷ Na edição em português, há uma nota do editor esclarecendo que essa obra é parte de um conjunto dos escritos de Goodwin.

ele escreve com o objetivo de “assegurar às pobres almas que o coração de Cristo, quanto à misericórdia e compaixão, continua o mesmo de quando o Salvador estava aqui na terra”⁷⁸.

Realmente, no texto de Hebreus.4.14-16, parece que foi exatamente isso que o autor quis assegurar para que seus leitores não se sentissem abandonados por Cristo, uma vez que ele não estava fisicamente com eles.

No verso 14, o autor de Hebreus encoraja os leitores a permanecerem firmes em sua confissão, pois Jesus, o sumo sacerdote, entrou na presença de Deus. Embora ele tenha entrado, não se esqueceu dos que estão na terra, mas, ele se compadece deles. Isso é declarado no verso 15. O encorajamento do autor continua. Jesus, o sumo sacerdote, está cheio de compaixão pelos seus, na presença de Deus, por isso, é possível que se cheguem ao trono de Deus para receber graça e socorro verso 16. Embora o autor não use a palavra intercessão, o conceito está presente.

O autor quer que seus leitores compreendam que Jesus está diante de Deus por eles. Isso, no entanto, não teria nenhum valor se Jesus não se importasse com eles. Por isso, ele enfatiza a compaixão de Jesus (v.15).

A dupla negativa: “não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer” é usado pelo autor para indicar ênfase⁷⁹ no que ele quer afirmar, ou seja, que Jesus, o sumo sacerdote, é compassivo, ele não é indiferente.

O verbo συμπαθῆσαι pode ser traduzido como simpatizar-se com; compadecer-se de; sofrer com.⁸⁰ O autor a utiliza novamente quando lembra os leitores do tempo em que eles se compadeceram dos encarcerados (10.34), ou seja, eles agiram, ainda que o autor não diga como, motivados pela compaixão, porque sofreram, mesmo que não fisicamente, com aqueles que estavam na prisão. Segundo Allen, essa palavra sempre indica ação, não apenas disposição de sentimentos.⁸¹

O que o autor diz, portanto, é que Jesus não apenas fica comovido com os sofrimentos que os seus passam, ele age em benefício deles, intercedendo por eles junto ao Pai. Jesus também não é alguém que se comove sem poder fazer nada a respeito. Ele é capaz e tem poder para fazer algo, pois ele está na presença de Deus intercedendo por seu povo.

⁷⁸ GOODWIN, 2020. p.16

⁷⁹ OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em : <<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html>> acesso em: 20 set 2022

⁸⁰ SEESEMAN, H. sympáschō in: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey. **Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume** Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 1985, p. 802. (edição Logos)

⁸¹ ALLEN, 2010, p.304.

O autor diz que Jesus se compadece das fraquezas, mas quais fraquezas? Essas fraquezas parecem estar relacionadas à situação que os leitores estavam vivendo. Goodwin observa que essas fraquezas dizem respeito a todo tipo de sofrimento que eles estavam passando bem como os seus pecados.⁸² Owen concorda e considera que essas aflições e tentações vêm das perseguições por causa do evangelho⁸³.

O autor de Hebreus usa essa palavra mais três vezes, em 5.2, 7.28 e 11.34. As duas primeiras parecem dizer respeito às tentações; mas, a terceira, à falta de força física ou emocional. Sendo assim, pelo uso que o autor faz da expressão “fraquezas”, em 4.15, poderia significar sofrimentos e tentações, como observado por Goodwin e Owen.

Tais sofrimentos e tentações advindos da perseguição que os leitores estavam passando. O que estavam fazendo com que eles fossem tentados a abandonar a fé em Cristo Jesus. Mas eles não estavam abandonados, Jesus se compadecia deles.

O autor continua explicando que Jesus se compadece porque ele foi tentado, à semelhança dos leitores, mas deixa claro que ele não pecou. Isso se aplica ao tempo em que Jesus viveu na terra, antes de sua ascensão. Ele foi homem como os leitores, experimentou a tentação, mas foi homem perfeito. Ele sabe, por sua própria experiência, o que é sofrer e ser tentado. Agora, no entanto, ele está no céu, não sofre mais e nem é tentado, como ele pode continuar se compadecendo?

Beeke e Jones explicam que, embora Jesus não esteja mais sujeito aos sofrimentos e dores, ele “continua sendo alguém com emoções e corpo humanos” e ainda “sua alma reage a nossos sofrimentos com ternura gloriosa e admirável”⁸⁴. Para Goodwin, a ascensão ampliou sua disposição para com os seus⁸⁵, ou seja, o coração de Cristo continua na terra com seu povo.

Sua ascensão, portanto, não o tornou indiferente, insensível, ele continua disposto a socorrer a todos pelos quais morreu. Ele sabe por experiência o que o seu povo tem passado, ele se tornou um deles para socorrê-los.

Ao acrescentar que Jesus foi tentado em tudo, mas sem pecar, o autor quer que os leitores tenham a confiança que Jesus venceu, que ele é perfeito, embora seja um homem, ele é o homem perfeito.

⁸² GOODWIN, 2020, p.56

⁸³ OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em : <<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html>> acesso em: 20 set 2022

⁸⁴ BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana: Doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016. p.566,567

Não está no foco do presente trabalho discorrer sobre a relação da união das duas naturezas do Redentor, para uma análise sobre o tema cf. CAMPOS, Heber Carlos de. **A união das duas naturezas do redentor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004

⁸⁵ GOODWIN, 2020, p.80

Por conta dos méritos do intercessor e da eficácia de sua intercessão, seu povo pode entrar na presença de Deus com confiança de achar graça e ser socorrido em ocasião oportuna (4.16).

No Antigo Testamento, apenas o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, na presença de Deus, mas agora, por conta da intercessão de Cristo, todo o povo pode entrar não com medo de ser consumido por conta de seus pecados, mas com confiança de ser aceito e de receber socorro em tempo oportuno.

A frase “socorro em tempo oportuno”- εὐκαιρον βοήθειαν - também pode ser traduzida como “momento de necessidade”⁸⁶. Isso se dá porque o adjetivo εὐκαιρον pode ser traduzido como propício; tempo favorável; certo. De acordo com Delling, esse é o tempo designado pelo Senhor e é a “compaixão do sumo sacerdote que garante que esse tempo aconteça” (tradução nossa)⁸⁷. Esse é o tempo da ajuda e de socorrer os que estão necessitados.

Outro texto que traz um pensamento parecido é Hebreus.2.17,18. Nesse texto, o autor diz que Jesus se tornou semelhante aos irmãos para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote. Ele, naquilo que foi tentado, é poderoso para socorrer - βοηθήσαι - mesma palavra utilizada em 4.15, os que são tentados e estão sofrendo por isso.

Em ambos os textos, o que o autor quer demonstrar é que Jesus, o sumo sacerdote, que está na presença de Deus com os nomes dos seus gravados em seu coração, socorre tanto os que sofrem por conta das tentações como por conta das perseguições. Ainda que ele não esteja, fisicamente, com os seus na terra, seu coração está com eles.

3 ENCORAJAMENTO PARA OS QUE SOFREM

Neste tópico, observaremos que a intercessão de Cristo é grande fonte de encorajamento e consolo para os leitores da carta e para todos os cristãos em todas as épocas.

3.1 A INTERCESSÃO E O PROPÓSITO DA CARTA

Nosso objetivo neste trabalho, como foi dito anteriormente, é demonstrar que o autor se vale, intencionalmente, da intercessão de Cristo para encorajar e confortar seus leitores que estavam sendo perseguidos em razão de sua confissão e, por causa disso, sendo tentados a abandonar a fé.

⁸⁶ Assim traduziu a Nova Versão Internacional (NVI)

⁸⁷ DELLING, G. eúkairos in: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey. **Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume**. Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 1985, p. 390. (edição Logos)

O que o autor, portanto, quer é que seus leitores tenham a certeza de que eles não estão enganados quanto a crer em Jesus, pois ele é a realidade para a qual as sombras apontavam; não serão prejudicados por não terem os sacerdotes levíticos intercedendo por eles, pois eles possuem um sacerdote superior que garante a salvação deles e que os ajuda no seu sofrimento e tentações; se abandonarem essa confissão e voltarem às antigas práticas, eles estarão voltando para o que não tem nenhum valor para o acesso a Deus, o perdão dos pecados, a salvação e não terão ninguém, diante de Deus, em favor deles.

A contínua confissão por parte dos leitores continuaria lhes trazendo sofrimento, correndo o risco, até mesmo, de intensificar-se até a morte. Diante disso, saber que Jesus está diante de Deus intercedendo por eles, que em razão disso, têm acesso a Deus, a salvação garantida e socorro em todo tempo, seriam encorajados a continuar firmes, sem temer aquilo que poderia lhes acontecer porque, de forma alguma, estariam desamparados, pois tinham um sumo sacerdote compassivo que os socorreria.

Em suas tentações, inclusive naquelas de abandonar a fé, eles poderiam confiar naquele que foi tentado em todas as coisas, mas sem pecado, para socorrê-los. Eles não estavam sozinhos lutando contra suas tentações.

A consciência perturbada dos leitores, por terem deixado o sistema sacrificial levítico, poderia ser apaziguada, pois, em razão de Jesus ter derramado seu sangue e, agora, estar diante de Deus em favor deles, não havia mais necessidade de sacrifícios e nem da intercessão do sumo sacerdote terreno, pois seus pecados estavam perdoados.

Diante das afrontas, insultos, o confisco dos seus bens e até a possibilidade de morte, eles tinham, diante de Deus, um como eles que sofreu todas essas coisas, por isso, sabia o que estavam passando, compadecia-se deles e era poderoso para socorrê-los.

É por causa desse grande sumo sacerdote que o autor encoraja os leitores a perseverarem na confissão que tinham feito no passado (4.14;10.23). Não havia do que se envergonhar, nem o que temer e nem o que perder, pois pela intercessão contínua de Cristo, e somente por ela, tinham a certeza do favor de Deus.

Dessa forma, podemos observar que o autor se valeu intencionalmente da obra de intercessão de Cristo para persuadir seus leitores a desistirem da possibilidade de apostasia, bem como, para encorajá-los a continuarem firmes diante das consequências da perseguição advindas da perseverança da confissão em Cristo.

3.2 CONSOLO PARA OS CRENTES DE TODAS AS ÉPOCAS

A doutrina da intercessão de Cristo não foi fonte de consolo apenas para os leitores de Hebreus, ela também o é para os crentes em todas as épocas, uma vez que Cristo continua intercedendo pelos seus e sempre o fará.

Ainda que essa doutrina seja ignorada por muitos crentes, a eficácia de sua intercessão não depende de a conhecermos ou não, Cristo continua intercedendo, sua compaixão vai além da nossa ignorância. O que deixamos de receber, por assim dizer, é o conforto que vem de saber da continua intercessão do nosso sumo sacerdote.

É desse aspecto que queremos tratar agora. Uma vez que entendemos que Cristo é nosso sumo sacerdote que intercede por nós, como nos valem disso? Como nosso coração pode achar descanso, consolo e encorajamento diante das situações em que vivemos?

3.2.1 Segurança da salvação

Não é incomum, cristãos verdadeiros ficarem com suas consciências perturbadas por causa de dúvidas acerca de sua salvação. A *Confissão de Fé de Westminster* (18.6) expõe esse fato da seguinte maneira: “Por diversos modos podem os crentes ter a sua segurança de salvação abalada, diminuída e interrompida (...)”⁸⁸.

A segurança ou certeza da salvação, portanto, não diz respeito à salvação em si, ou seja, a falta de segurança não quer dizer que uma pessoa não seja salva, mas sim, que ela não se sente salva, não está segura quanto à sua salvação.

Essa segurança pode ser restaurada e fortalecida pelo uso correto e prudente dos meios de graça, de forma especial, seguindo o que foi visto, a doutrina da intercessão de Cristo como exposta em Hebreus.

O cristão verdadeiro pode descansar no fato de que, diante de Deus, Jesus está apresentando seu sangue em favor dele. Sua intercessão é eficaz de maneira que, tudo o que Cristo adquiriu por sua morte, ele pede ao Pai que aplique à vida dos seus. Esse, no entanto, não é um mero pedido, mas um pedido fundamentado no seu sangue.

⁸⁸ CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>> acesso em: 30 set 2022

O fato de Jesus estar diante do Pai, com o nome dos seus gravados em seu coração, é a própria segurança da salvação. Quando alguma dúvida surgir no coração do cristão, ele precisa se lembrar de que Jesus está intercedendo por ele naquele exato momento. Phillips descreve essa cena da seguinte maneira: “Ele só precisa direcionar suas mãos trespassadas [sic] para você e, como sempre faz, dizer: ‘Pai, este é um dos meus, que vem a ti pelo meu sangue vertido para salvação’”⁸⁹. Isso é grande consolo para o cristão que está com sua segurança abalada.

Alguém, talvez, poderia pensar que faltou alguma coisa para ser feito, algum pecado não confessado, alguma boa obra inacabada e, diante da morte, sentir que não conseguiu, ele fracassou. Tal pessoa precisa se lembrar de que a obra intercessora de Cristo é completa, ele salva plenamente. Ele não deixa nada para ser feito, para ser resolvido por nós⁹⁰.

Não importam quais sejam as razões que estejam levando o cristão a ter sua segurança abalada, a séria meditação na intercessão de Cristo sempre será grande fonte de consolo e fortalecimento da sua segurança.

3.2.2 Socorro nas tentações

Os crentes, enquanto estiverem peregrinando neste mundo, sofrerão com as tentações nas mais diversas áreas de sua vida. Para o verdadeiro cristão, as tentações são verdadeiro sofrimento, porque eles não querem pecar contra seu Senhor. A luta contra as tentações tende a ser solitária. É vergonhoso e humilhante confessar a tentação. Por isso, sofrem sozinhos e calados com medo de serem desprezados e tido como incrédulos.

É muito confortador, consolador e encorajador para o cristão saber que nessa luta ele não está sozinho. Seu intercessor está com ele e sabe, por experiência, o que é ser tentado em todas as coisas, pois ele também o foi (Hb.2.18;4.15). O cristão não precisa ter medo e vergonha de se aproximar de Jesus e clamar por ajuda confessando suas tentações. Ele é cheio de compaixão para com aquele que é tentado e de maneira alguma o desprezará.

Isso poderia ser um problema, pois não é incomum pessoas que passam por situações semelhantes se aproximarem para encontrarem, na outra, alguém que entenderá suas lutas e quedas sem, contudo, providenciar a verdadeira ajuda na luta contra o pecado. Isso, no entanto, não acontece com Jesus.

⁸⁹ PHILLIPS, 2018, posição 736

⁹⁰ OUTLUND, 2021, posição 147

Ele foi tentado em todas as coisas, mas sem pecado (4.15) Ele venceu todas as suas tentações. Por isso, ele pode socorrer verdadeiramente. Ele não vai apenas se solidarizar, vai socorrer. Ele não vai apenas entender, vai fortalecer para que haja vitória. Ele não vai deixar ninguém confortável para continuar no pecado, só porque entende o que é ser tentado.

Quando o cristão, em razão de suas tentações, busca em Deus forças para suportá-las, encontra seu intercessor, diante do Pai, intercedendo por ele. Ele já estava ali, na verdade, nunca deixou de estar. Antes mesmo de o cristão ser tentado, Jesus já estava intercedendo por ele pedindo ao Pai que o sustentasse e o preservasse.

Owen, comentado o texto de Hebreus.2.18, diz que os cristãos tentados têm o privilégio de receber de Cristo ajuda e alívio em suas lutas. O que eles precisam, Owen diz, força para resistir, consolação para seu espírito e libertação, é lhes dado por Cristo⁹¹.

E quando o cristão cede à tentação, o que esperar do intercessor? O cristão ao ceder à tentação, deve se lembrar de que Cristo comparece diante do Pai rogando o perdão que foi conquistado na cruz. Como se Jesus dissesse: Pai, perdoa-lhe, pois derramei meu sangue por ele. É isso que consola o cristão diante do seu fracasso diante da tentação.

3.2.3 Socorro nas tribulações

O que foi dito acima também pode ser dito sobre as tribulações. Cristo se compadece dos seus que passam por tribulações. De maneira alguma, o cristão, que está passando por adversidades, estará sozinho. Dia e noite, mesmo enquanto dorme, terá diante do Senhor Cristo intercedendo por ele.

Por vezes, em tempos difíceis, a sensação daquele que sofre é de que está sozinho. Até mesmo Deus parece distante, parece que o abandonou. Não há consolo maior, para aquele que está experimentado isso, do que saber que Jesus está no céu em seu favor e seu coração está com ele na terra. Não há como Deus se esquecer dos seus, pois Jesus está em sua presença com seus nomes gravados em seu coração.

Essa verdade consoladora pode ser aplicada a uma situação específica que é muito difícil tanto para os familiares como para o paciente com Alzheimer, por exemplo. Essa doença afeta a memória. Em muitos casos, ela é muito severa levando os pacientes a se esquecerem dos cônjuges, filhos, quem são e, até mesmo, de Deus.

⁹¹ OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em <<https://www.studylight.org/commentaries/eng/joc/hebrews-2.html>> acesso em: 03 out 2022.

Os que são cristãos e sofrem de Alzheimer, em casos mais severos, não são mais capazes de buscar o Senhor, de interceder por eles mesmos. Diante disso, os familiares, angustiados por essa situação, podem ficar apreensivos pelo destino eterno deles.

Saber que, embora seus entes queridos tenham se esquecido do Senhor, Jesus nunca se esquece deles, pois ele os carrega no seu peito, é grande e consistente consolo. Cristo intercede por eles para que sejam preservados e seus corações sejam consolados. Ainda que não sejam mais capazes de orar por si mesmos, Jesus continua orando por eles.

Não importam as adversidades pelas quais o povo de Deus tem passado, ele sempre vai encontrar seu intercessor cheio de compaixão disposto a socorrê-los. Nas palavras de Goodwin: “Em todos os sofrimentos e angústias, saibamos, com segurança, que temos um Amigo que nos ajuda e que se compadece de nós. Alguém que está nos céus, Cristo”⁹². Grande é o consolo para os que sofrem.

3.2.4 Incentivo à oração

Porque Cristo é nosso intercessor compassivo, podemos nos achegar convictos diante do trono de Deus de que receberemos, em tempo oportuno, o socorro (4.16). Não há impedimentos para entrarmos na presença de Deus, pelo contrário, Cristo fez a provisão necessária para que isso fosse possível. A presença de Cristo diante de Deus intercedendo em nosso favor é um grande incentivo à oração.

O autor de Hebreus encoraja seus leitores a entrarem com confiança na presença de Deus (10.22) pelo fato de terem um grande sacerdote (10.21). Entramos na presença de Deus por meio da oração, não em nosso nome, mas através do nome de Cristo, pelos seus méritos. Ao entrarmos, deparamo-nos com o nosso sumo sacerdote já orando por nós, com nosso nome em seu coração.

Por causa disso, Bunyan insta com seus leitores para que tenham coragem para serem homens de oração na terra. Ele sugere que seus leitores pensem consigo mesmos: “Vou me achegar a Deus, pois diante de seu trono o Senhor Jesus está pronto para entregar minhas petições a ele (...)”⁹³.

Também somos encorajados a interceder por outros crentes. Quando, movidos por compaixão, levamos o nome deles diante do Senhor, não o fazemos sozinhos. Há um intercessor muito mais compassivo e eficaz que já está intercedendo por eles, há tempo.

⁹² GOODWIN, 2021, p.145.

⁹³ BUNYAN, 2021, posição, 2135

O cristão, pelo fato de Jesus ser um intercessor, não é só incentivado a orar, ele também encontra grande consolo em saber que Cristo ora por ele. Por vezes, por conta das adversidades, não encontramos nem forças para orar. Há situações em que estamos perdidos, não sabemos o que pedir. Outras vezes, somos negligentes com relação à oração. Diante de tudo isso, a certeza de que nosso intercessor está ativo, cheio de compaixão, intercedendo por nós, pelas nossas reais necessidades, enche nosso coração de segurança e paz, pois como Charnock observou, Cristo está mais preocupado com nossa piedade do que nós mesmos⁹⁴.

CONCLUSÃO

A doutrina da intercessão de Cristo é grande fonte de consolo e encorajamento para os que sofrem. Por essa razão o autor de Hebreus, com o propósito de encorajar seus leitores que enfrentavam grande sofrimento, por causa das perseguições, valeu-se dela para encorajá-los a perseverar. Embora Jesus não estivesse fisicamente com eles, ele estava no céu cheio de compaixão, diante do Pai, intercedendo por eles.

Esse consolo, como observado, não estava disponível apenas para os leitores originais. A igreja, em todas as épocas e diante dos mais diversos sofrimentos, sempre terá um intercessor que se compadece dela nas suas fraquezas, pois ele vive para interceder por ela. A ausência de material sobre o assunto tem feito com que a igreja não se valha, como poderia, do grande consolo e encorajamento diante das suas tentações, lutas e dúvidas.

A chegada dos livros do Goodwin, Bunyan, Jones e Ortlund, foi um grande passo para sanar a ausência de material. Direta e indiretamente, contribuíram grandemente para a minha compreensão e para a confecção deste trabalho. Esperamos também que a presente monografia contribua para fazer essa preciosa doutrina mais conhecida.

Não podemos, de forma alguma, menosprezar o valor dessa doutrina. Owen está certo ao dizer que ela “é um artigo fundamental de nossa fé e um fundamento principal da consolação da Igreja” (tradução nossa)⁹⁵. Ele, então, declara a razão dessa sua afirmação:

⁹⁴ CHARNOCK, Stephen. A discourse of Christ's Intercession in: **The complete works of Stephen Charnock**. Disponível em:

<<http://www.digitalpuritan.net/Digital%20Puritan%20Resources/Charnock%2C%20Stephen/Works%20%28vol.5%29%20Ind%20Titles/%5BSC%5D%20Christ%27s%20Intercession.pdf>> acesso em: 01 out 2022. p.106

⁹⁵ OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em: <<https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html>> acesso em 05 out 2022

[...] é a fonte imediata de todas as comunicações graciosas para nós. Pois assim ele age com seu próprio cuidado, amor e compaixão; e daí recebemos toda misericórdia, todos os suprimentos de graça e consolo necessários para nossos deveres, tentações e provações. Nisto depende todo o nosso encorajamento [...] (tradução nossa)⁹⁶

Afirmamos, por isso, que a igreja, quando negligência, seja por que motivo for, essa doutrina, perde uma grande fonte de conforto e consolo bem como tem que lidar com sérias consequências. Como demonstrou Letham:

Após as lutas durante o período patrístico sobre a divindade de Cristo, deu-se atenção à confissão da divindade de Cristo às custas de sua humanidade. O resultado geral foi que sua mediação desvaneceu-se no panorama, deixando assim um vazio entre a confissão do pecador e sua busca por um auxiliador compassivo e compreensivo. Quem melhor para preencher esse vazio que a gentil e amorosa mãe de Cristo, a abençoada virgem Maria? O desenvolvimento da adoração a Maria encontrou uma necessidade real na Igreja.⁹⁷

A doutrina da intercessão de Cristo nos lembra de que não precisamos de nenhum outro intercessor. A igreja não precisa eleger outro para atender às suas necessidades. O que ela precisa fazer é redescobrir que ninguém é mais misericordioso e compassivo do que Jesus e que sua intercessão é suficiente e eficiente para tudo o que ela precisa.

Diante disso, consideramos que a igreja se beneficiaria grandemente se outras pesquisas sobre a intercessão de Cristo fossem desenvolvidas, algumas sugestões são: o aconselhamento bíblico e a intercessão; a preservação/perseverança dos santos e a intercessão; a intercessão de Cristo no pensamento de John Owen.

⁹⁶ ibidem

⁹⁷ LETHAM, Robert. **A Obra de Cristo**, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. Série Teologia Cristã.(edição Logos) p. 117–118.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, David, L. **Hebrews**. Nashville, TN: B & H Publishing Group, 2010 (edição Logos)
- BEEKE, Joel; JONES, Mark. **Teologia Puritana: Doutrina para a vida**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001
- BEVAN, LI. D. Intercession of Christ in, James Orr et al.(ed), **The International Standard Bible Encyclopaedia**. Chicago: The Howard-Severance Company, 1915. (edição Logos)
- BUNYAN, John. **Jesus Cristo um Salvador Perfeito: A intercessão do Salvador e a quem ela beneficia**. Francisco Morato, SP: O Estandarte de Cristo, 2021 (Kindle)
- CARSON, D.A. MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p.438
- CHARNOCK, Stephen. A discourse of Christ's Intercession in: **The complete works of Stephen Charnock** Disponível em: <http://www.digitalpuritan.net/Digital%20Puritan%20Resources/Charnock%2C%20Stephen/Works%20%28vol.5%29%20Ind%20Titles/%5BSC%5D%20Christ%27s%20Intercession.pdf> Acesso em: 14 set de 2022
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 2000
- CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm> acesso em: 30 set 2022
- CROWE, Brandon D. Our Great High Priest. **Credo Magazine: Prophet, Priest and King**. v.2 disponível em: https://credomag.com/magazine_issue/prophet-priest-king/ acesso em 22 de nov. 2022
- DeSILVA, David A. **Perseverance in gratitude: a socio-rhetorical commentary on the Epistle "to the Hebrews"** Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000, (edição Logos)
- ELLINGWORTH, Paul. **The Epistle to the Hebrews: a commentary on the Greek text**, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI; Carlisle: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1993.
- GIBSON, Jonathan (ed); GIBSON, David. (ed) **Do céu Cristo veio buscá-la: a expiação definida na perspectiva histórica, bíblica, teológica e pastoral**. São José dos Campos: Fiel, 2017. (Kindle)
- GOODWIN, Thomas. **O coração de Cristo: O cuidado do Salvador no céu para com os pecadores na terra**. Recife: Os Puritanos, 2020
- HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001

KISTEMAKER, Simon, **Hebreus** 2^a ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013 p.30 (edição Logos)

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey. **Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume.** Grand Rapids, MI: W.B. Eerdmans, 1985, p. 390. (edição Logos)

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo, Hagnos: 2001.

LETHAM, Robert. **A Obra de Cristo.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. Série Teologia Cristã

LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando a Carta aos Hebreus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2016 (The Pilgrim)

MACLEOD, I. C. Christ's High Priesthood and Christian Worship in Hebrews. **Puritan Reformed Journal**, [s. l.], v. 8, n. 1, 2016. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAI9KZ190330000890&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MBAMALU, A. Jesus the interceding high priest: a fresh look at Hebrews 7:25. **Hervormde teologiese studies**, [s. l.], v. 71, n. 1, 2015.p.5 Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAn3819388&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022

MOFFITT, D. M. Jesus as Interceding High Priest and Sacrifice in Hebrews: A Response to Nicholas Moore. **Journal for the Study of the New Testament**, [s. l.], v. 42, n. 4, 2020, p.542 Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAIe8N200608002719&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022

MOORE, N. J. Sacrifice, Session and Intercession: The End of Christ's Offering in Hebrews. **Journal for the Study of the New Testament**, [s. l.], v. 42, n. 4, 2020,. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLAIe8N200608002718&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MURRAY, John. The Heavenly Priestly Activity of Christ. **RPM**, v.11, n.4. 2009. Disponível em: https://thirdmill.org/magazine/article.asp/link/joh_murray%5Ejoh_murray.priestly.activity.html/at/The%20Heavenly%20Priestly%20Activity%20of%20Christ > Acesso em: 23 de abril 2022.

ORTLUND, Dane. **Manso e humilde:** o coração de Cristo para quem peca e para quem sofre. São Paulo, The Pilgrim, 2021. (The Pilgrim)

ORTLUND, G. "The voice of his blood": Christ's intercession in the thought of Stephen Charnock. **Themelios**, [s. l.], v. 38, n. 3, p. 375–389, 2013. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001989804&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 14 jun. 2021.

OWEN, John. **Exposition of Hebrews** disponível em : <https://www.studydrive.org/commentaries/eng/joc/hebrews-7.html> > acesso em: 14 set 2022.

PHILLIPS, Richard D. **Estudos Bíblicos Expositivos em Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018 (The Pilgrim)

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Linguística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995

RYKEN, Philip Graham; **Exodus: saved for God's Glory**. Wheaton, IL: Crossway Books, 2005, p.873. (edição Logos)

SPICQ, Ceslas; ERNEST, James D. Ernest, **Theological lexicon of the New Testament** Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1994 (edição Logos)

STRONG, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. (edição Logos)